

GENEALOGIA DO NIILISMO EM NIETZSCHE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO NIILISMO RUSSO E DA LEITURA DE *PAIS E FILHOS*

João Paulo Simões Vilas Bôas¹

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os resultados de uma investigação sobre a influência do contexto histórico-literário do niilismo russo — com destaque para o papel desempenhado pelo romance *Pais e Filhos* — no desenvolvimento das primeiras reflexões de Nietzsche sobre o niilismo, as quais foram registradas em dois textos póstumos de 1880. Principiando com um esclarecimento sobre a origem da palavra niilismo, o texto prossegue com uma caracterização do contexto social, político e cultural do Império Russo na segunda metade do século XIX. Na sequência, apresentamos uma análise das diferentes definições do que é um niilista apresentadas no romance de Ivan Turguêniev para, em seguida, investigar o impacto que esta publicação gerou na sociedade russa da época. A partir de todos esses subsídios históricos, a última parte do artigo apresenta uma interpretação dos dois fragmentos póstumos que dialoga diretamente com a interpretação desenvolvida por Elisabeth Kuhn, ora concordando, ora refutando certos aspectos dela.

Palavras-chave: Nietzsche, Turguêniev, Niilismo russo, Pais e Filhos, Bazárov

GENEALOGY OF NIHILISM IN NIETZSCHE: AN INVESTIGATION ON THE INFLUENCE OF THE HISTORICAL-LITERARY CONTEXT OF RUSSIAN NIHILISM AND THE READING OF *FATHERS AND SONS*

Abstract: This paper intends to present the results of an investigation into the influence of the historical and cultural context of the russian nihilism — with emphasis on the role played by the roman *Fathers and Sons* — in the development of Nietzsche's first reflections on nihilism, which were registered in two posthumous fragments from 1880. Beginning with a clarification on the origin of the word nihilism, the text proceeds with a characterization of the social, political and cultural context of the Russian Empire in the second half of the 19th century. Next, we present an analysis of the different definitions of what a nihilist is, presented in Ivan Turgenev's novel, and then investigate the impact that this publication generated in Russian society at the time. From all these historical subsidies, the last part of the article presents an interpretation of the two posthumous fragments that dialogues directly with the interpretation developed by Elisabeth Kuhn, sometimes agreeing, sometimes refuting certain aspects of it.

Keywords: Nietzsche, Turgenev, Russian nihilism, Fathers and Sons, Bazarov

I

Quando se procura investigar as fontes a partir das quais Nietzsche desenvolveu suas reflexões sobre o niilismo, é bastante comum de se encontrar a alegação de que a obra de Paul Bourget *Essais de psychologie contemporaine* seria a fonte principal (Cf. ANDLER, 1931, p. 266).² Conquanto seja indiscutível que o desenvolvimento que este escritor francês fez da “teoria da *décadence*”, bem como seu diagnóstico da presença do “espírito crescente de negação

¹ Bacharel e licenciado em filosofia (UFPR - 2008), mestre em filosofia (UFPR - 2011), doutor em filosofia (Unicamp - 2016) e pós-doutor em filosofia (UFPR - 2019). Professor da Universidade Federal do ABC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3236-2674>. E-mail: vilas.boas@ufabc.edu.br.

² Cf. também MÜLLER-LAUTER, 1999. p. 198.

da vida” (ARALDI. 2004, p. 57) na literatura de sua época tiveram grande importância nas elaborações tardias que o pensador alemão fez do niilismo, é fundamental não perder de vista que as primeiras menções diretas do termo “niilista” nos textos do filósofo de Naumburg ocorreram em duas anotações póstumas redigidas no verão de 1880 — três anos antes do lançamento do primeiro volume da obra de Bourget — as quais esboçam uma reflexão diretamente relacionada com o niilismo russo, tal como tematizado pelo escritor russo Ivan Turguêniev em seu romance *Pais e Filhos*.

À luz deste fato, nossa intenção aqui é explorar tanto o contexto histórico-literário em torno da publicação do romance, como também os diferentes sentidos com que o adjetivo “niilista” aparece no texto, buscando em seguida empregar essas informações na interpretação dos dois fragmentos póstumos.

Antes de mais nada, é oportuno destacar que o termo niilismo já tinha sido cunhado muito antes do romance de Turguêniev vir a público, tendo sido empregado num sentido político pejorativo ainda à época da Revolução Francesa.³ Todavia, suas primeiras menções num significado “essencialmente filosófico” (RITTER et al., 1971-2007, p. 846) remontam ao contexto de discussões do idealismo alemão tardio ocorridas durante um breve período que se inicia no final do século XVIII e prossegue até as primeiras décadas do século XIX, no qual o termo niilismo chegou inclusive a ser empregado por Hegel e Schelling em alguns escritos de juventude (VOLPI, 1999, p. 23-25). É oportuno observar que não havia um sentido único para esta palavra, de forma que cada um dos autores daquela época a empregou num significado particular (Cf. VOLPI, 1999, p. 17-24).

Não demorou muito, porém, para que a natureza corrosiva da palavra niilismo — que invoca diretamente as ideias de negação e de nada — acabasse fazendo com que esse termo extrapolasse o âmbito dos debates filosóficos e passasse a ser empregado também na política, designando certas tendências revolucionárias radicais de rebelião social e ideológica num sentido notadamente pejorativo (VOLPI, 1999, p. 37). Nesse contexto, tanto o hegelianismo de esquerda como algumas vertentes do anarquismo (em especial as ideias libertárias de Proudhon e Bakunin) foram acusadas de serem “niilistas” (Cf. MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 197 e VOLPI, 1999, p. 28-31).

Foi precisamente com este sentido politicamente depreciativo que a palavra niilismo chegou até a Rússia, tendo aparecido em pelo menos duas publicações antes do

³ “(...) o primeiro uso da designação “niilista” ocorre somente na Revolução Francesa, quando eram denominados “niilistas” aqueles que não eram nem a favor nem contra a revolução”. PECORARO, 2007. p. 8.

romance de Turguêniev em 1862,⁴ após o quê seu uso disseminou-se ampla e rapidamente não apenas entre as camadas mais intelectualizadas, mas também nos meios jornalísticos e culturais, o que fez com que o termo niilismo passasse a fazer parte do vocabulário popular.

Cumprir observar que a amplitude e a popularidade alcançadas pelo niilismo russo após a publicação do romance de Turguêniev e dos acontecimentos espetaculares que sacudiram a Rússia nas décadas seguintes acabaram por obscurecer completamente as discussões filosóficas anteriores sobre o niilismo, contribuindo para que elas caíssem rapidamente no esquecimento. Uma das maiores provas disso é a alegação de Turguêniev em suas *Memórias literárias e de vida* de que ele próprio teria cunhado o termo niilismo:

Muitas outras pessoas aproveitaram essa palavra por mim criada — “niilista” — como ocasião ou pretexto para tentar impedir o movimento que arrastava a sociedade russa. Não usei esse termo como reprovação nem com o intuito de humilhar, mas como expressão justa e correta de um fato real, histórico. E a palavra acabou transformada em instrumento de delação, de condenação inapelável, como se fosse um estigma (VOLPI, 1999, p. 13).

A partir de então a expressão “niilismo russo”⁵, bem como o adjetivo “niilista”⁶ passaram a ser empregados para se referir ao conjunto de ações natureza cultural, política e social promovidas no então Império Russo durante as décadas de 60 a 80 do século XIX por diversos grupos independentes de jovens revolucionários, os quais, agindo em nome de ideais socialistas e/ou anarquistas, objetivavam uma profunda reformulação do *establishment*. Apesar desses jovens também terem feito uso de meios legais e não violentos para propagandear seus ideais, a imagem que historicamente ficou associada ao niilismo russo foi a da dimensão mais espetacular dos acontecimentos, a saber: uma sucessão de crimes violentos e de atos de destruição e sabotagem com o intuito de desestabilizar o regime czarista, os quais incluíram inúmeros incêndios criminosos e cinco tentativas de assassinar o Czar levadas a cabo no final da década de 70 e início da década de 80 do século XIX.

II

⁴ “O crítico romântico N. I. Nadeždin, por exemplo, em 1829, em artigo intitulado “Somnišče nigilistov” (A reunião dos niilistas) já os definira como os que nada sabem e de nada entendem. Também M. N. Katkov usara o mesmo epíteto para criticar os colaboradores da revista *O Contemporâneo* como gente que não acredita em nada” (VOLPI, 1999, p. 14). A esse respeito, Cf. também RITTER et al., 1971-2007, p. 853-854 e MÜLLER-LAUTER, 1999, p. 197.

⁵ Nas obras “*A Era do Capital - 1848-1875*” e “*A Era dos Impérios - 1875-1914*”, o historiador Eric Hobsbawm se refere a este fenômeno usando a expressão “populismo russo” (HOBSBAWM, 2009, p. 175-200).

⁶ No livro *A Era dos Impérios - 1875-1914* Eric Hobsbawm se refere aos revolucionários niilistas como “narodniks”, palavra derivada do russo *narod*, que significa povo. (HOBSBAWM, 2017, p. 421-457).

Se antes de 1861 a pauta política da libertação dos servos era um importante ponto de convergência que agregava, em maior ou menor grau, uma significativa parcela de representantes das diferentes gerações de intelectuais russos progressistas, após a proclamação do Czar Alexandre II de 3 de março de 1861, que colocou fim à servidão no Império Russo, este consenso instável cedeu lugar a um acirramento das diferenças e das incompatibilidades entre os grupos, culminando numa polarização inconciliável.

Referidos como *raznotchíntsy*, que significava “aqueles que não tinham status (*tchin*) fixo no sistema russo de castas” (FRANK, 2009, p. 29) os jovens intelectuais diferenciavam-se das gerações anteriores não apenas pela sua origem social — de vez que pertenciam a famílias de classes sociais humildes⁷ — mas principalmente, pela sua valorização e defesa de princípios diametralmente opostos, como ressalta Joseph Frank:

(...) a geração dos anos 1860 criticava acerbamente os elementos do idealismo romântico que ainda persistiam na cultura liberal e aristocrática de seus antecessores imediatos e substituiu esse idealismo por um materialismo genérico, uma ética do egoísmo utilitarista e uma fé ingênua em que a ciência e a racionalidade seriam suficientes para desintrinchar as complexidades da condição humana (FRANK, 2009, p. 29-30).

Dentre os principais líderes da jovem intelectualidade niilista, destacam-se os nomes de Nikolai Tchernichévski, Nikolai Dobroliúbov e Dimítri Píssarev. Os dois primeiros trabalharam e publicaram intensamente ao longo de suas curtas carreiras produtivas⁸ no periódico *Contemporâneo*, o qual, de 1852 até 1866, serviu como principal plataforma de divulgação para os ideais revolucionários niilistas.⁹

É importante observar que os niilistas russos nunca chegaram a constituir um grupo homogêneo nem tampouco uniforme, seja quanto aos princípios ou quanto ao *modus operandi*.

⁷ “Quem e o que eram os *raznotchíntsy*? Eram os filhos de padres, os pequenos funcionários, os proprietários de terra empobrecidos, às vezes servos emancipados ou não, todos aqueles que haviam conseguido educar-se e existir nos interstícios do sistema de castas na Rússia” (FRANK, 2009, p. 234).

⁸ Dobroliúbov sucumbiu à tuberculose em 29 de novembro de 1861, com apenas 25 anos. Apesar de Tchernichévski ter vivido até os 61 anos, sua carreira produtiva foi precocemente interrompida pela sua prisão em 7 de julho de 1862, quando contava 34 anos. Sua última publicação foi o romance *Que Fazer?*, uma resposta a *Pais e Filhos*, escrito entre 1863 e 1866 enquanto estava encarcerado em São Petesburgo.

⁹ Logo após a morte precoce de Dobroliúbov a revista foi suspensa durante 8 meses e Tchernichévski foi preso. Depois disso, de 1863 a 1866 o *Contemporâneo* publicou o romance *Que Fazer?*, o qual, na opinião de Joseph Frank “apesar de toda a sua visível fraqueza artística, é cotado como uma das mais bem-sucedidas obras de propaganda já escritas em forma de ficção. Poucos livros causaram um impacto tão direto e eficaz sobre as vidas de um número tão grande de pessoas, a começar pelos esforços dos discípulos diretos de Tchernichévski para formar comunas cooperativas socialistas semelhantes àquelas que ele descrevera e continuando até Vladimir Ilitch Lênin, cuja admiração pelo romance de Tchernichévski foi irrestrita e que tinha nessa obra uma fonte de inspiração pessoal” (FRANK, 2009, p. 394).

Pelo contrário, o tipo de atividades, o grau de sigilo ou de abertura das diferentes associações ao público, bem como sua legalidade ou ilegalidade variavam bastante, sendo que, por exemplo, o adjetivo “niilista” foi indiscriminadamente empregado nesta época tanto em referência aos responsáveis por publicações de orientação política reformista (aí incluídas revistas de ampla circulação no território russo) como também para designar os causadores dos incêndios criminosos que, não poucas vezes ao longo destes anos, devastaram algumas das maiores cidades russas como Moscou, São Petesburgo e Novgorod¹⁰ e igualmente aos perpetradores do atentado à bomba que matou o Czar Alexandre II, em 13 de março de 1881.¹¹

O movimento inicialmente oscilou entre um terrorismo meio anárquico de pequenos grupos (sob a influência de Bakunin e Nechaev) e os defensores de educação política de massa do “povo”. Mas o que veio eventualmente a prevalecer foi a organização conspiratória secreta, centralizada e rigidamente disciplinada, de afinidade Jacobina-blanquista, elitista na prática fosse qual fosse a teoria, e que antecipou os bolcheviques (HOBSBAWM, 2009, p. 179).

III

Tendo sua escrita iniciada em 1860 e publicado em março de 1862 na revista *O mensageiro russo* (TURGUÊNIEV, 2004, p. 7-8), *Pais e Filhos* tem como foco um conflito de gerações na Rússia durante a segunda metade do século XIX. Os senhores da chamada “geração de 40” — representada no livro pelos irmãos Nikolai e Pável Petróvitch, oriundos de um modo de vida aristocrático e fortemente influenciados pelos valores culturais humanistas — confrontam-se com os jovens da chamada “geração de 60”, também referidos como os homens novos ou niilistas, representados no livro pelo jovem médico Bazárov e seu colega Arkádi, este último filho de Nikolai.

O pano de fundo da história é o retorno do filho à propriedade rural paterna em 1859 após o término dos estudos em São Petersburgo. É neste ambiente de paisagens idílicas

¹⁰ Cf., uma passagem de *Memórias literárias e de vida*, de Turguêniev: “Não vou me estender sobre a impressão que esta narrativa [*Pais e Filhos* - JPSVB] causou. Direi apenas que, ao voltar a São Petesburgo, no mesmo dia do famoso incêndio do Apraksinski Dvor [prédios do grande mercado da cidade], a palavra ‘niilista’ estava na boca de todo mundo, e a primeira coisa que ouvi do primeiro conhecido que encontrei na Avenida Nevsky foi: ‘Vejam o que fizeram seus niilistas! Incendiaram São Petesburgo!’” (VOLPI, 1999, p. 12).

¹¹ A heterogeneidade e a ausência de integração entre os diferentes grupos niilistas podem ser constatadas nas duas primeiras tentativas malsucedidas de assassinar de Alexandre II: a primeira, ocorrida em 4 de abril de 1866, foi realizada pelo jovem Dmítri Karakózov. Apesar de integrar a facção radical de um grupo revolucionário criado por seu primo, Nikolai Ichútín, Karakózov agiu sozinho, indo inclusive contra a vontade do grupo. A segunda tentativa só veio a ocorrer 13 anos depois, em 20 de abril de 1879, tendo igualmente sido perpetrada por um estudante isolado, Alexander Soloviev, que não integrava nenhuma organização. Apenas os três últimos atentados, de dezembro de 1879, fevereiro de 1880 e de março de 1881 é que foram planejados e realizados por integrantes do grupo niilista “A Vontade do Povo”. Cf. FRANK, 2003. p. 83-89.

dos meses mais quentes do hemisfério norte, em diálogos que ocorrem entre passeios ao longo da propriedade ou durante o chá, que se dão os choques entre as ideias dos jovens niilistas com o pensamento dos aristocratas liberais.

Ao longo da narrativa, a definição do que é um niilista vai sendo continuamente reapresentada e reformulada. Em nossa leitura, conseguimos identificar três momentos distintos onde isso ocorre, cada um deles correspondendo a uma definição diferente.

No capítulo V, ao ser inquirido pela primeira vez acerca do significado do termo niilista, Arkádi oferece uma definição que se coadunaria perfeitamente com a descrição de qualquer pessoa com um mínimo de senso crítico, ao responder que um niilista “considera tudo de um ponto de vista crítico (...) é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito” (TURGUÊNIEV, 2004, p. 46-47). Logo em seguida Bazárov, perguntado por Pável se de fato rejeitava tudo, até mesmo a ciência, responde que não acreditava em coisa alguma (Idem, p. 52).

Num segundo momento, durante um diálogo no capítulo X, o aparente ceticismo anteriormente anunciado cede espaço a uma definição diretamente ligada a um princípio utilitarista vinculado a uma preocupação com o bem-estar social, o qual é aduzido como principal justificativa tanto para as ações dos niilistas como também para seus juízos de valor sobre a conduta do povo russo e das instituições.

Inicialmente a personagem Pável, defendendo a importância de princípios que fundamentem a sociedade, faz o elogio da aristocracia e afirma que apenas indivíduos imorais ou fúteis vivem sem princípios (Idem, p. 83-84).

Em resposta, Bazárov põe em questão a atitude do próprio Pável, o qual, apesar de enunciar com orgulho que sua conduta se pauta por princípios que seriam úteis à sociedade, não faz absolutamente nada de útil. Para Bazárov, “princípios” e “aristocracia” seriam apenas palavras estrangeiras sem nenhuma utilidade para o povo russo (Idem, p. 83-84).

Neste mesmo capítulo, também torna-se perceptível que a suposta negação radical e a descrença em todo e qualquer princípio enunciadas anteriormente por Bazárov não parecem ocorrer de fato, pois os niilistas, quando perguntados sobre o que fundamentaria suas ações, assumem a utilidade como critério de valoração e ação, de modo que seria com base nela que eles se arrogam o direito de destruir todas as instituições. Todavia, eles recusam-se a assumir a responsabilidade para com as consequências futuras de suas ações (incluída aí a própria reestruturação da sociedade) usando como argumento o fato de considerarem a utilidade apenas na conjuntura do momento presente.

— Já lhe disse, titio, que nós não reconhecemos as autoridades — interveio Arkádi.
— Nossas ações se fundamentam naquilo que julgamos útil — declarou Bazárov. — Nos tempos atuais, o mais útil é a negação: nós negamos.
— Tudo?
— Tudo.
— Como assim? Não só a arte, a poesia... mas também... é horrível dizê-lo...
— Tudo — repetiu Bazárov, com indescritível serenidade.
Pável Petróvitch cravou nele os olhos. Não contava com isso, e Arkádi chegou a ruborizar-se de prazer.
— Mas, com licença — disse Nikolai Petróvitch. — O senhor nega tudo, ou, em palavras mais exatas, destrói tudo... No entanto é preciso também construir.
— Isso já não é da nossa conta... Em primeiro lugar, é necessário limpar o terreno (Idem, p 84-85).

Bazárov critica ainda o funcionalismo público e a postura dos intelectuais russos que simpatizavam com os ideais reformistas, os quais não faziam mais do que tagarelar e discutir inutilmente. Segundo ele, os niilistas desprezavam o envolvimento nos debates sobre eventuais possibilidades de melhoria ou de reforma da sociedade porque viam na ação revolucionária destruidora a única saída possível para os problemas do Império Russo.

34

— Eis o que fazemos: antes, em época ainda recente, dizíamos que os nossos funcionários públicos recebiam suborno, que não tínhamos nem estradas, nem comércio, nem tribunais de justiça...
(...)
— Depois nos demos conta de que não vale a pena simplesmente remexer as nossas chagas, que isso apenas acarreta vulgaridade e doutrinário; vimos que os nossos homens inteligentes, chamados de homens avançados e de acusadores, não prestam para nada, que nós perdemos tempo com bobagens, debatemos sobre esta ou aquela arte, sobre criação inconsciente, sobre o parlamentarismo, sobre os procedimentos jurídicos e só o diabo sabe o que mais, quando a verdadeira questão é o pão de cada dia, quando a superstição mais grosseira nos sufoca, quando todas as nossas sociedades anônimas vão à falência unicamente devido à escassez de pessoas honestas, quando a própria emancipação dos servos, da qual o governo faz alarde, dificilmente nos trará algum proveito (...)
— Pois bem — interrompeu Pável Petróvitch —, pois bem: os senhores se convenceram de tudo isso e decidiram não se dedicar seriamente a coisa nenhuma.
— Resolvemos não nos dedicar a coisa nenhuma — repetiu Bazárov, com ar soturno. De repente, irritou-se consigo mesmo por haver se expandido tanto diante daquele fidalgo.
— Apenas injuriar.
— Injuriar também.
— E isso se chama niilismo?
— E isso se chama niilismo — repetiu de novo Bazárov, dessa vez com uma insolência gritante (Idem, p. 87-88).

A conclusão deste capítulo, todavia, lança uma sombra de incerteza sobre a alegada preocupação social dos niilistas com as camadas mais pobres do povo russo. Ao responder a um

comentário irônico feito por Pável sobre a postura dos niilistas, Bazárov não consegue ocultar uma forte postura de presunção e insolência, um “orgulho satânico” (FRANK, 2009, p. 250) que insinua que a declaração anterior dos niilistas de que apenas a ação destruidora seria capaz de gerar algum resultado não passaria de uma pseudojustificativa para um impulso destruidor caprichoso e irresponsável, desvinculado de qualquer propósito social.

Pável Petróvitch estreitou ligeiramente os olhos

— Pois muito bem! — declarou ele com uma voz estranhamente calma. — O niilismo deve salvar todas as nossas dificuldades e os senhores são os nossos libertadores e heróis. Mas para que censuram os outros, e até os próprios acusadores? Acaso os senhores não se limitam a tagarelar como todos os demais?

— Sejam quais forem nossos pecados, este não é um deles — pronunciou Bazárov, entre dentes.

— Como assim? Será que os senhores agem? Pretendem entrar em ação?

Bazárov nada respondeu. Pável Petróvitch, por um momento, se desconcertou, mas logo recuperou o controle de si mesmo.

— Hm!... Agir, destruir... — prosseguiu ele. — Mas como destruir, sem sequer saber o motivo?

— Destruímos porque somos uma força — explicou Arkádi.

(...)

— Sim, uma força, que não tem de prestar contas de nada — disse Arkádi, e aprumou-se na cadeira (TURGUÊNIEV, 2004, p. 88-89).

Esta dúvida ganha ainda mais força quando Bazárov deixa claro que até mesmo a vontade do próprio povo russo seria desconsiderada ante as ações destruidoras dos niilistas.

— Não, não! — exclamou Pável Petróvitch, num ímpeto repentino. — Recuso-me a crer que os senhores, cavalheiros, conheçam com exatidão o povo russo, que sejam representantes de suas necessidades, de suas aspirações! Não, o povo russo não é como os senhores o imaginam. Ele venera as tradições, como algo sagrado, ele é patriarcal, não pode viver sem fé...

— Não pretendo discutir isso — interrompeu Bazárov. — Estou mesmo pronto a concordar que, neste aspecto, o senhor tem razão.

— E se tenho razão...

— No entanto isso não prova nada.

(...)

— Como não prova nada? — balbuciou, admirado, Pável Petróvitch. — Quer dizer que os senhores vão contra o seu próprio povo?

— E se for assim? — exclamou Bazárov. — Quando estronda o trovão, o povo acredita que o profeta Elias corre desabalado pelo céu em sua carruagem. E então? Vou concordar com o povo? De mais a mais, o povo é russo e eu, por acaso, não sou também russo? (Idem, p. 86).

A ideia de que os niilistas de fato não seriam revolucionários dotados de preocupações sociais genuínas, nem que estes grupos se veriam forçados a recorrer à sabotagem e à violência destruidora como último recurso para a efetivação de suas bandeiras políticas

devido à extrema rigidez e ao autoritarismo da estrutura do Império Russo — mas que, pelo contrário, suas ações violentas seriam fruto de uma insolência superabundante, de um excesso de brutalidade, de deboche e de orgulho próprio que se direciona contra os poderes instituídos sem qualquer preocupação com as massas — é reforçada num momento posterior da narrativa, numa conversa particular entre Bazárov e Arkádi.

— [Bazárov falando a Arkádi – JPSVB] (...) Veja, por exemplo, hoje mesmo, ao passar pela isbá do nosso estaroste Filip, você disse: que casinha branca e decente. E então você disse que a Rússia atingirá a perfeição quando o mais humilde dos mujiques tiver uma habitação como aquela e que todos devemos contribuir para isso... Pois eu me enchi de ódio contra esse mujique, o mais humilde dos mujiques, seja Filip, seja Sidor, em cujo benefício devo suar sangue e que nem me dirá sequer um obrigado... mas, também, para que me serviria o obrigado dele? Ora, ele estará vivendo numa isbá branca enquanto sobre mim vai crescer a grama; pois bem, e daí?

— Chega, Ievguêni... quem escutar você, hoje, será forçado a concordar com quem nos acusa de ausência de princípios.

— Está falando como o seu tio. Princípios não existem absolutamente, será que você não percebeu isso até agora? Só existem sensações. Tudo depende delas.

— Como assim?

— Muito simples. Eu, por exemplo: adoto uma atitude de negação por causa da sensação. Tenho prazer em negar, o meu cérebro está constituído deste modo, e *basta!* Por que gosto de química? Por que você gosta de maçãs? Também por causa da sensação. É tudo igual. As pessoas nunca conseguirão penetrar mais fundo do que isso. Não é qualquer um que vai lhe dizer tal coisa e eu mesmo, de outra vez, não o direi mais.

— Como? Também a honestidade é uma sensação?

— Claro!

— Ievguêni! — começou Arkádi, com voz abatida.

— Então? O que foi? Não gostou? — interrompeu Bazárov. Não, irmão! Se você resolveu passar a foice no terreno todo, trate de levantar também seus pezinhos!... (Idem, p. 195-196).

Esta dúvida lançada por Turguêniev sobre o caráter e as reais motivações dos niilistas não pode ser creditada de maneira simplista à sua notória inimizade com os jovens redatores do *Contemporâneo* por conta das críticas que estes anteriormente haviam feito a outros romances seus.¹² Pelo contrário, tal como a própria cisão entre os grupos niilistas ocorrida imediatamente após a publicação de *Pais e Filhos* viria a confirmar, o escrito de Turguêniev foi muito mais do que uma simples resposta vingativa aos jovens intelectuais do seu tempo. A denúncia implícita contida em sua obra — de que a preocupação social alegada pelos niilistas como justificativa para suas intervenções destruidoras não passaria de uma fachada incapaz de esconder um orgulho debochado e insolente — origina-se não de um rancor

¹² No entender de Tchernichévski, a publicação de *Pais e Filhos* teria sido realizada principalmente para responder às críticas ácidas que Dobroliúbov havia realizado sobre alguns escritos de Turguêniev (em particular sobre o romance *A Véspera*, de 1860). Cf. FRANK, 2009, p. 237-238 e 247.

vingativo por parte do escritor, mas antes corresponde à diversidade de tendências e posturas ideológicas de oposição ao regime czarista que eram exibidas pelos diferentes grupos daquele período, a qual foi percebida por ele e descrita no romance de modo bastante sagaz.

IV

A repercussão gerada por *Pais e Filhos* foi tão intensa quanto imediata e a personagem Bazárov, com sua postura arrogante e insolente, sua apologia da destruição, sua depreciação da arte¹³ e sua visão de mundo radicalmente materialista e positivista (claramente inspirada em Tchernichévski)¹⁴ foi prontamente acolhida pela população russa como “a imagem literária verossímil do novo tipo social dos anos 1860” (FRANK, 2009, p. 235).

A causa para esta aceitação tão rápida e expressiva de uma personagem fictícia como símbolo de um grupo social deveu-se à combinação invulgar de talento literário com um profundo conhecimento da realidade social russa desta época, da qual o “genial escritor” (HOBSBAWM, 2009, p. 175) Turguêniev era um observador privilegiado.

[Turguêniev - JPSVB] fez muito mais do que apenas “imaginar” sua personagem central; também estudou cuidadosamente os escritos em que a nova geração expressou sua rejeição desdenhosa da velha e sorveu com notável precisão as ideias que neles encontrou. Todos os problemas socioculturais da época estão refletidos com tanta exatidão em seu livro que um crítico da Rússia soviética chamou-o, com razão, “uma crônica artística lapidar da vida contemporânea” (FRANK, 2009, p. 240).

37

A magnitude do impacto deste romance — que explica o obscurecimento dos usos anteriores da palavra niilismo no âmbito do idealismo alemão e a crença amplamente difundida de que Turguêniev teria sido o criador deste termo — pode ser vislumbrada quando se observa a força com que o “modelo Bazárov” foi disseminado no imaginário cultural das nações ocidentais¹⁵ como o estereótipo de jovem revolucionário transbordante de orgulho pessoal, que

¹³ “O ataque de Bazárov à arte é feito de forma vigorosa e, para um leitor bem informado da época, fazia clara referência à tese de Tchernichévski; contudo, enquanto Tchernichévski dizia simplesmente que a arte deveria ser subordinada à vida e não lhe negara uma certa utilidade secundária, Turguêniev estende a oposição entre o ‘estético’ e o ‘útil’ a uma negação total. Quando Pavel Petróvitich se queixa de que os jovens artistas russos consideram ‘Rafael um idiota’, Bazárov retruca: ‘Na minha opinião, Rafael não vale uma moedinha de cobre, e esses outros não são melhores do que ele’ [*Pais e Filhos*, p. 90]. Não se faz distinção entre tipos diferentes de arte como mais ou menos úteis, e uma outra observação de Bazárov ilustra a questão com uma concisão de epigrama: ‘Um bom químico é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta’ [*Pais e Filhos*, p. 52]”. FRANK, 2009, p. 243-244.

¹⁴ “No que diz respeito a ideias mais gerais, evidentemente Bazárov exemplifica a convicção de Tchernichévski segundo a qual as ciências físicas, com sua teoria de um determinismo material universal, fornece a base para uma solução de todos os problemas, inclusive daqueles de natureza moral e social. FRANK, 2009, p. 244.

¹⁵ “(...) Nas décadas de 1860 e 1870 a denominação de indivíduos e grupos político-revolucionários como “niilistas” pela imprensa ocidental estava ligada de forma quase exclusiva à *nacionalidade* dos sujeitos. Nas

nutre um desprezo e ódio viscerais contra todos os valores e instituições do mundo civilizado e que não poupa esforços para levar a cabo seu programa de destruição de todos os alicerces do Estado e da sociedade em geral.

A força deste estereótipo pode ser exemplificada com um trecho de uma reportagem publicada em 1º de setembro de 1878 no jornal estadunidense *The New York Times*, que afirma que o “único desejo” dos niilistas:

(...) é de fazer uma limpeza geral de todas as instituições humanas e testar a sorte do que pode se seguir daí. Apenas lhes dê licença para destruir e a reconstrução pode se revelar praticável, ou não; mas em todo caso o mundo será sacudido para fora de suas antigas bases e posto à deriva de seu antigo atracadouro. Sem mais autoridade, seja de padre ou Rei, de militar ou policial. Sem mais propriedade, seja em um acre de batatas ou em um domínio principesco. Religião, aprendizagem, ambição, vida familiar são obstáculos a tão gigantesca mudança. Liberte-se de tudo isso, dizem os exasperados apóstolos deste obscuro credo, e então o novo milênio da negação universal tomará seu curso irrefreado! (THE NEW YORK TIMES, 1878, p. 4).

A publicação de *Pais e Filhos* também foi um divisor de águas entre os próprios grupos niilistas da época, visto que o aparecimento deste romance ensejou o surgimento de uma polêmica entre as apreciações de Píssarev e de Tchernichévski sobre a personagem Bazárov, a qual acabou degradingando numa ruptura entre essas facções de jovens niilistas por conta da emergência de tendências inconciliáveis entre seus respectivos mentores intelectuais.

Tchernichévski e seus discípulos rejeitaram *Pais e Filhos* com todas as forças, entendendo que o romance nada mais era do que “uma franca manifestação do ódio de Turguêniev por Dobroliúbov” e desprezando Bazárov como a “caricatura grotesca de um radical” (FRANK, 2009, p. 248). O artigo publicado no *Contemporâneo*, supostamente contendo uma resenha do romance recém-publicado, foi na verdade uma avalanche de insultos a Turguêniev “com o fito de destruir qualquer crédito que tivesse sido dado ao livro por ter pintado os objetivos e ideais da nova geração” (Idem). O corolário desta execração foi o romance *Que Fazer?*, uma apologia da doutrina do “egoísmo racional” que Tchernichévski escreveu enquanto estava encarcerado em São Petesburgo com o objetivo de apresentar ao

reportagens pesquisadas daquele período há uma clara separação entre niilistas russos (nunca chamados “socialistas”, por exemplo) e anarquistas e comunistas franceses, ingleses, americanos, etc. A partir do princípio da década de 1880, contudo, especialmente após o choque dos países ocidentais com o aumento das notícias de ações terroristas que culminariam com a morte do Czar, o niilismo ampliaria cada vez mais suas significações no imaginário destas sociedades e passaria, gradativamente, a “explicar” também as ideias e ações dos anarquistas”. MONTEIRO, 2010, p. 55-56.

público uma imagem mais precisa dos ideais da nova geração de jovens revolucionários, isenta das supostas deformações jocosas de Turguêniev.

Já apreciação de Píssarev — principal crítico do periódico *Palavra Russa*, que até então era considerada uma publicação aliada do *Contemporâneo* — foi absolutamente favorável ao romance. Em sua resenha, o escritor louvou Bazárov como um “herói do nosso tempo” (Idem, p. 250), afirmando, contrariamente a Tchernichévski, que ele seria um representante fiel da nova geração. Píssarev destaca ainda a imensa superioridade moral e espiritual de Bazárov tanto perante as outras personagens instruídas e ainda mais em relação ao povo ignorante.¹⁶

Píssarev traça, assim, uma linha nítida entre pessoas ordinárias e pessoas extraordinárias, entre a massa e aqueles indivíduos autoconscientes, semelhantes a Bazárov em sua altivez solitária. Nada de parecido pode-se encontrar no *Contemporâneo*, onde se achava que a intelectualidade e o povo estavam invariavelmente unidos na consecução de um objetivo sócio-político comum (por mais “atrasados” que pudessem ser os camponeses e por mais necessidade que tivessem de educação). Essa imagem do herói *raznotchinets* transcendente que age sozinho, e que não pode evitar de sentir *desprezo* pelas pessoas cujas vidas ele quer melhorar e elevar, era uma coisa verdadeiramente nova no cenário sociocultural russo (Idem, p. 251).

A investigação sobre os princípios e valores que originaram apreciações tão distintas sobre a obra de Turguêniev corrobora nosso entendimento sobre a presença de duas tendências conflitantes entre os grupos niilistas da época. De um lado encontravam-se Tchernichévski e Dobroliúbov, os quais, enquanto defensores de um radical materialismo positivista e dotados de uma genuína preocupação social com os menos favorecidos, cultivavam a imagem do niilista como um legítimo líder revolucionário socialista, capaz de esclarecer e conduzir as massas ignorantes e primitivas rumo à satisfação de suas reais necessidades, trabalhando e vivendo integralmente em prol da construção do paraíso na Terra,¹⁷ o qual era simbolizado pelo “palácio de cristal”¹⁸ — metáfora inspirada no Palácio de Cristal da Exposição

¹⁶ “Bazárov é extremamente presunçoso (...), mas sua presunção não é visível, exatamente por causa de sua imensidão. Ele não se ocupa com as trivialidades que compõem as relações das pessoas comuns; não pode ser insultado por um escárnio óbvio, nem engrandecido por sinais de respeito; é tão cheio de si, considera-se tão seguro nessas alturas, que quase não dá atenção à opinião dos outros.” FRANK, 2009, p. 250.

¹⁷ Joseph Frank identifica a adoção de uma proposta política claramente socialista por parte dos niilistas discípulos de Tchernichévski a partir de 1861, período em que se iniciou a circulação no Império Russo de panfletos com ideias revolucionárias. “*A Nova Geração* foi apenas um de uma série de panfletos escritos por Mikháilov, Chélgunov e talvez Tchernichévski (...). A linha adotada era muito mais dura do que o [panfleto – JPSVB] moderado *O Grande Russo*. Via-se agora que se estava pensando, sem dúvida, numa mudança política e que os autores haviam rompido de uma vez por todas com o czarismo”. Idem, p. 201.

¹⁸ Numa passagem bastante esclarecedora, Joseph Frank descreve o ideal político do palácio de cristal tentando reconstruir a apreciação que Dostoievski teve por ocasião do seu primeiro contato com o romance *Que Fazer?*, o qual, no entender do biógrafo, motivou o escritor russo a escrever a novela *Notas do Subterrâneo* como

Mundial de Londres e empregada por Tchernichévski em *Que Fazer?* como símbolo utópico da suprema felicidade e realização humanas. A violência destruidora era por eles encarada como um último recurso, como um mal necessário em face da dureza e do caráter essencialmente injusto e irreformável do regime imperial russo.

De outro lado, todavia, a ênfase de Píssarev e de seus discípulos era na gigantesca e insuperável superioridade espiritual do tipo Bazárov e dos jovens revolucionários niilistas por sobre as massas, a qual lhes concederia o privilégio moral de agir segundo suas próprias tendências sem prestar contas a quem quer que fosse.

Bazárov não só exibe um “orgulho satânico”, como também apregoa uma visão de mundo baseada num “empirismo” que reduz todas as questões de princípio à preferência individual; e Píssarev aceita cegamente essa doutrina como sendo a última palavra da “ciência”. “Assim, Bazárov em toda a parte e em tudo só faz o que quer, ou o que lhe parece útil e atraente. É governado tão-somente pelo capricho pessoal ou pelo cálculo pessoal. Não reconhece nem à sua volta, nem fora de si, nem dentro de si nenhum regulador, nenhuma lei moral, nenhum princípio”. Pessoas como Bazárov, explica Píssarev, podem ser honestas ou desonestas, bons cidadãos ou completos patifes; tudo depende da circunstância e do gosto pessoal. “Nada exceto o gosto pessoal impede-o de assassinar ou roubar, nada exceto o gosto pessoal estimula as pessoas dessa estirpe a fazer descobertas no campo da ciência e existência social” (FRANK, 2009, p. 250).

40

A apologia de Píssarev à destruição é considerada do ponto de vista de uma necessária disputa de forças entre as condições políticas vigentes e os indivíduos superiores — “eternamente alheios à massa, que a olham eternamente com desdém e ao mesmo tempo trabalham eternamente para aumentar-lhe o conforto da vida” (Idem, p. 251) —, os quais, no seu entender, seriam os únicos e verdadeiros responsáveis pela determinação dos rumos da história. Um embate no qual apenas o mais forte prevaleceria.

resposta à utopia de Tchernichévski “(...) Tchernichévski pinta um quadro da evolução do gênero humano no estilo pseudoépico usado, no começo do século, pelos românticos sociais franceses como Ballanche e Lamennais — uma evolução que culmina no advento da utopia socialista. De maneira não surpreendente, vê-se que essa utopia se assemelha à vida que Fourier imaginara para seu falanstério ideal; e com certeza deve ter revivido em Dostoiévski as lembranças dos dias em que frequentava o círculo de Petrachévski onde as ideias de Fourier foram reverenciadas com paixão e debatidas num clima de cândida exaltação. Mesmo nessa época, porém, os detalhes do plano fourierista para o futuro lhe tinham parecido um tanto ridículos, e concordara com o amigo Valerian Maikov de que o falanstério dificilmente deixava alguma margem para a liberdade do indivíduo. Quatorze anos depois — e que anos para Dostoiévski e para a Rússia! — o reaparecimento dessas fantasias só podia ter lhe parecido o cúmulo do absurdo. Mais uma vez ele se depara com essa imagem irreal de um futuro em que o homem conquistara totalmente a natureza e estabelecera um modo de vida que permite que todos os desejos sejam satisfeitos livre e completamente. Não existe nesse mundo nenhuma distância entre todo apetite e sua satisfação; todo conflito, toda infelicidade, todo esforço interior e agitação espiritual se desvaneceram totalmente. É esse o fim literal da história, cuja consecução marca a estase final da humanidade num círculo vicioso de prazer e satisfação.” Idem. p. 398.

“Se a autoridade for enganadora”, escrevera Píssarev (...) “a dúvida irá destruí-la, e é bom que seja assim; se for necessária ou útil, então a dúvida irá revirá-la, examiná-la de todos os ângulos e colocá-la de volta no lugar. Numa palavra, eis o ultimato de nosso campo: o que pode ser quebrado deve ser quebrado; o que resiste ao golpe merece ser mantido, o que voa em pedaços é lixo; em qualquer caso, bata à direita e à esquerda, nenhum dano pode vir disso e nenhum dano virá” (Idem, p. 249-250).

Como ficará claro a seguir, a análise dos primeiros textos onde Nietzsche trata do niilismo indica que seu primeiro contato com esta temática de fato ocorreu por intermédio da leitura de *Pais e Filhos*, de modo que é absolutamente coerente pensar que Nietzsche considerava Turguêniev como tendo sido o primeiro a tematizar e escrever sobre o niilismo.

V

Não é possível precisar com certeza quando Nietzsche leu *Pais e Filhos* pela primeira vez. Mazzino Montinari situou a data da leitura entre abril e junho de 1873 (NIETZSCHE, 1988, p. 50). Já Elisabeth Kuhn afirmou que o filósofo deve ter lido o romance em algum momento entre 1876 até 1880 (KUHN, 1984, p. 274).

Apesar da imprecisão na data exata da leitura, é certo, no entanto, que ela seguramente aconteceu antes de 1881 e se deu a partir de uma tradução francesa publicada em 1863 que trazia como prefácio uma carta do escritor francês Prosper Mérimée ao editor A. M. Charpentier.

No mencionado prefácio, além de tecer comentários sobre a qualidade da tradução do russo para o francês, Mérimée louva a “imparcialidade de Turguêniev”, o qual é referido como um “observador fino e sutil”. O escritor francês também apresenta uma imagem bastante caricata dos niilistas russos, dizendo que, se anteriormente as ideias de Hegel tinham predomínio em São Petesburgo, atualmente “os seguidores de Schopenhauer pregam a *ação*, falam muito e não fazem grande coisa”, enfatizando ainda que não acredita que eles seriam de fato perigosos, pois além de “não serem piores que seus pais”, não dispõem do apoio popular para levarem a termo seu projeto de “botar abaixo todas as instituições existentes” (MÉRIMÉE, 1863, p. i-iv).

As primeiras ocorrências explícitas do termo niilista na obra de Nietzsche ocorrem em duas anotações póstumas redigidas no verão de 1880. Recém-aposentado, o filósofo esteve nesta época inicialmente em Veneza, onde ditou a seu amigo Peter Gast o conjunto de fragmentos chamado *L'Ombra di Venezia*, passando em seguida a maior parte do verão em uma pousada em Marienbad, onde se sabe que ele leu Prosper Mérimée. Acreditamos que a possível

(re)leitura de *Pais e Filhos* nesta época certamente motivou Nietzsche a refletir sobre os niilistas russos, tema do primeiro fragmento:

O consolo de Lutero quando a causa não foi adiante, “decadência do mundo”. Os niilistas tinham Schopenhauer como filósofo. Todos os ativos extremos querem deixar o mundo em pedaços, quando eles reconhecem sua vontade como impossível (Wotan) (NIETZSCHE, FP 4[103] verão de 1880).¹⁹

Interpretando o texto póstumo, Elisabeth Kuhn (1984, p. 256-257) afirma que, apesar de Lutero e os niilistas russos se diferenciarem em seus fundamentos teóricos e nos objetivos práticos, Nietzsche subsumiu ambos nesta anotação sob a rubrica de “ativos extremos”, pois o filósofo considerava que o motivo que suscitou neles o desejo pela destruição era o mesmo, a saber: o ódio diante da impossibilidade da realização da própria vontade. A menção a Wotan muito provavelmente se deve ao fato desta divindade da mitologia dos antigos povos germânicos estar associada à fúria.²⁰

Esta proposta interpretativa desenvolvida por Kuhn encontra respaldo numa outra reflexão de Nietzsche que aborda a transformação de uma insatisfação particular em fúria destruidora, registrada num escrito cuja publicação se deu em um período muito próximo ao da composição do mencionado texto póstumo, a saber: o aforismo 304 de *Aurora*:

Os aniquiladores do mundo. — Este não consegue realizar algo; termina por gritar enraivecido: “Que o mundo inteiro se acabe!”. Este sentimento abominável é o cúmulo da inveja, que raciocina: porque eu não posso ter *algo*, o mundo não deve ter *nada*! O mundo não deve *ser* nada!” (NIETZSCHE, 2004, p. 188).

Considerando-se a notória proximidade de temas e de datação entre os dois escritos, é seguro afirmar que ambos estão intimamente relacionados, sendo possível, portanto, considerar a partir disso que este desejo mórbido de “deixar o mundo em pedaços” — a fúria destruidora associada com a figura mitológica de Wotan —, o qual Nietzsche aponta como estando presente tanto em Lutero como nos niilistas russos, tenha surgido na verdade como um

¹⁹ Optamos por citar os fragmentos póstumos de Nietzsche conforme a sigla empregada nas publicações especializadas sobre este filósofo. A fonte é a edição crítica das obras completas e cartas em formato digital *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe* ou *eKGWB*, disponível para consulta online no portal Nietzsche Source (<http://www.nietzschesource.org>). Acessado em 27/01/2023.

²⁰ O cronista alemão Adam de Bremen, ao detalhar no século XI as práticas religiosas dos povos pagãos da Escandinávia, escreveu *Wodan, id est furor* (Wodan, isto é, o furioso). BREMEN, 2002. p. 202.

“consolo”, como uma derradeira consequência de um sentimento original de ódio e inveja profundos, decorrentes do fracasso em se atingir um determinado objetivo.

Retomando a análise do escrito póstumo, Kuhn afirma em seguida que, enquanto os niilistas russos fundamentavam-se no pensamento de Schopenhauer²¹ e tinham por objetivo a realização de uma reforma social capaz de pôr fim às injustiças, Lutero, embora isto não esteja explícito no texto, tomava a Bíblia por fundamento e aspirava à realização da Reforma.

No que diz respeito aos niilistas russos, entendemos que a reflexão nietzschiana inferida a partir da leitura conjunta da anotação póstuma e do aforismo publicado se estrutura como um diálogo com a personagem Bazárov com vistas a desmascarar suas intenções. Quando o jovem médico afirmou que no passado, os niilistas esperavam atingir o objetivo de uma sociedade mais justa através de debates e discussões sobre os problemas sociais, mas que, uma vez que este caminho do diálogo e da reforma se mostrou infrutífero, eles então se decidiram pela ação destruidora porque a consideravam como única possibilidade real de mudança, Nietzsche responde que o motivo que levou os niilistas a agirem de forma destrutiva, antes de ser qualquer preocupação diante das injustiças sofridas pelo povo russo ou então o resultado de algum julgamento que se pautaria pelo critério de utilidade, foi na verdade um ódio egoísta causado pela frustração da sua própria vontade particular diante da impossibilidade de realizar seus intentos.

Esta interpretação nietzschiana da frustração dos jovens revolucionários russos encontra respaldo quando se constata a ausência de apoio político aos grupos niilistas por parte da população camponesa da Rússia. Apesar de advogarem uma visão de mundo e um programa político inteiramente enraizados no materialismo e no positivismo, os revolucionários russos — em especial os discípulos de Tchernichévski — não deixavam de nutrir a ingênua esperança de que, à semelhança do que ocorreu na Revolução Francesa, a classe camponesa se identificaria inteiramente com as reivindicações populares dos niilistas e se permitiria ser conduzida pelos intelectuais na consecução dos objetivos revolucionários.²²

Levando adiante esta interpretação, uma vez que Lutero também é mencionado no fragmento, seria então razoável considerar que, no entender do pensador alemão, ele também teria vivenciado alguma frustração semelhante. Todavia, discordamos da proposta de leitura de

²¹ A associação repetida por Nietzsche entre os niilistas russos e Schopenhauer ajuda a corroborar a tese de que a redação deste fragmento se deu em meio a uma (re)leitura do prefácio de Mérimée, de vez que, como já mostramos, foi o escritor francês quem estabeleceu este vínculo.

²² Sobre o fracasso dos niilistas russos em conquistar apoio entre as massas de camponeses, cf. FRANK, 2009, p. 232 e também HOBBSAWM, 2009, p. 200.

Kuhn quando ela afirma que se poderia considerar que Nietzsche estaria implicitamente remetendo-se à Reforma enquanto objetivo de Lutero (KUHNS, 1984, p. 256).

Entendemos que há um problema nesta interpretação na medida em que, utilizando o mesmo raciocínio, ela levaria necessariamente à conclusão que Lutero, a partir da impossibilidade da realização da Reforma, teria encontrado seu consolo na vontade de destruição direcionada contra a fonte de sua insatisfação, de modo que ele acabaria por apoiar o levante destruidor realizado pelos camponeses de sua época contra a autoridade da nobreza. Ora, como é sabido, historicamente a Reforma religiosa de fato efetivou-se e a postura de Lutero com relação ao levante camponês foi a de condenação.

Nesse sentido, buscaremos aqui propor uma outra chave de leitura que toma por base alguns escritos onde Nietzsche tece considerações em torno da condição psíquica de Lutero e que foram publicados nesta mesma época: os aforismos 68 e 88 de *Aurora*.

Lutero, o grande benfeitor. — A mais significativa realização de Lutero foi a desconfiança que despertou pelos santos e toda a *vita contemplativa* cristã: só a partir de então se abriu novamente o caminho para a *vita contemplativa* não-cristã na Europa, e pôs-se um limite ao desprezo da atividade mundana e dos leigos. Lutero, que continuou sendo um bravo filho de mineiro quando o encerraram num monastério, e que ali, na ausência de outras profundidades e “cavidades”, desceu em si mesmo e perfurou horrendas galerias escuras — notou, enfim, que uma vida santa e contemplativa lhe era impossível, e que sua inata “atividade” de corpo e de alma o destruiria. Por tempo demais buscou achar o caminho para o sagrado com mortificações — afinal tomou sua decisão e pensou: “Não *existe* verdadeira *vita contemplativa*! Fomos enganados! Os santos não valem mais do que nós todos”. — Esta foi sem dúvida, uma forma camponesa de ter razão — mas, para os alemães daquele tempo, a forma reta e única: “Fora dos Dez Mandamentos não há obra que possa *agradar* ao Senhor — as *célebres* obras espirituais dos santos foram imaginadas por eles” (NIETZSCHE, 2004, p. 67).

No aforismo 68, Nietzsche, referindo-se à relação de Paulo de Tarso com a Lei judaica, afirma que

(...) Lutero pode ter sentido algo semelhante, quando quis tornar-se, em seu monastério, o homem perfeito do ideal eclesiástico: e, de modo semelhante a Lutero, que um dia começou a odiar o ideal eclesiástico, o papa, os santos e toda a clericalha, com ódio verdadeiramente mortal, tanto maior quanto menos podia reconhecê-lo — de modo semelhante sucedeu com Paulo. A Lei era a cruz a que se sentia pregado: como a odiava! Como lhe guardava rancor! como olhava em torno, a buscar um meio de *destruí-la* — não mais de cumpri-la em sua pessoa! (NIETZSCHE, 2004, p. 54).

A partir da leitura destes aforismos, entendemos que faz mais sentido considerar que Nietzsche, na mencionada anotação póstuma, estaria implicitamente referindo-se ao

objetivo frustrado de Lutero como a vivência do ideal de *vita contemplativa* cristã, no sentido da encarnação plena de uma existência ascética. Ora, de modo análogo ao que se deu com os niilistas russos, Lutero, diante da frustração gerada pela impossibilidade de concretizar este ideal em si próprio, também foi tomado pelo ódio e por uma pulsão destruidora, o que trouxe como consequência a sua rejeição do culto aos santos.

Entretanto, resta ainda uma diferença significativa entre Lutero e os niilistas russos, pois, se por um lado a destruição do primeiro consistiu na contestação de determinados dogmas, doutrinas e práticas que integravam o cânone religioso católico, a qual foi e ainda é comumente considerada como um avanço na história da humanidade, por outro lado a destruição dos jovens russos, materializada nos incêndios e no assassinato do Czar em 1881, foi considerada na época como um acontecimento de consequências terríveis. Como então entender que Nietzsche, apesar desta diferença inegável entre uma “destruição teórica” positiva e uma condenável “destruição prática”, tenha subsumido estas duas figuras históricas sob uma mesma denominação de “extremos ativos”? A resposta encontra-se no fragmento 4[108], no qual ocorre a segunda menção do termo niilista.

Estima-se àqueles indivíduos que, em *pensamento*, romperam com a autoridade do costume. Mas àqueles que o fizeram pela *ação*, calunia-se e atribuem-se motivos ruins. Isto é injusto. Ao menos dever-se-ia atribuir aos livres-pensadores os mesmos motivos ruins. — No *criminoso* é ocultado o fato de que muito de coragem e originalidade de espírito, bem como independência, poderiam ser demonstradas. O “tirano” muitas vezes é um espírito livre e corajoso, e seu ser não é pior que o dos homens medrosos, mas frequentemente melhor, porque ele é mais sincero. Responde-se agora em geral à pergunta se os niilistas russos seriam mais imorais que os funcionários públicos russos em favor dos niilistas. — Há incontáveis costumes que sucumbiram aos ataques dos livres-pensadores e dos livres agentes: nosso modo individual de pensar atual é o resultado do mais ruidoso *crime* contra a eticidade. Todo aquele que ataca o existente é tido como “homem mau”; a história trata somente desses homens maus! (NIETZSCHE, FP 4[108] verão de 1880)

O fato deste último rascunho localizar-se quase em seguida ao primeiro, além da estreita ligação temática entre ambos, permite inferir que a data da escrita das duas anotações póstumas é muito próxima, de modo que este segundo escrito pode ser considerado como uma clara continuação das ideias do texto póstumo anterior.

Esta anotação expõe três ideias principais: a primeira é a denúncia feita por Nietzsche a respeito da diferenciação “injusta” entre as valorações atribuídas aos indivíduos que rompem com os costumes da tradição, conforme o âmbito no qual este rompimento tenha se dado. A esse respeito, ele argumenta que tanto a ruptura teórica como a prática teriam como

móbeis os mesmos “motivos ruins”, cujas origens — o ódio egoísta, a inveja e a frustração diante do fracasso — já foram indicadas no fragmento 4[103].

Em seguida, o filósofo mostra as consequências deste julgamento errôneo. Na medida em que se insiste em julgar os livres agentes e os livres-pensadores com dois pesos e duas medidas diferentes, deixa-se de perceber que a postura do tirano (que é igual à do livre agente ou à de um criminoso) não é pior que a do livre-pensador, mas que o tirano inclusive encontra-se em circunstâncias consideravelmente melhores, pois não se comporta como um “homem medroso” e seria mais sincero consigo mesmo.

Nietzsche então se posiciona favoravelmente aos niilistas, quando comparados aos funcionários públicos (os quais são aqui tomados como exemplo de homens passivos; indivíduos que, a despeito de discordarem dos cânones tradicionais de verdade e de valor de seu tempo, decidiram-se por não se manifestar publicamente). O filósofo alemão fundamenta seu posicionamento no fato de que foram as diversas rupturas com os costumes, tanto teóricas quanto práticas, que determinaram o curso da história e possibilitaram as condições de pensamento hodiernas, afirmando em seguida que todas as pessoas que de algum modo marcaram seu nome na história da humanidade acabaram por romper com algum costume, de modo que a história da humanidade trataria então apenas destes “homens maus”.

Respondendo então à pergunta suscitada na análise do primeiro fragmento (diante da diferença de valoração entre a destruição prática dos niilistas e a destruição teórica de Lutero, o que levou Nietzsche a subsumi-los na mesma denominação de “extremos ativos?”), vemos que já a partir da primeira parte desta segunda anotação é possível encontrar a resposta: esta diferença de julgamento desconsidera o fato de que ambas as destruições são frutos de um único e mesmo móbil.

Com vistas agora a esclarecer a equiparação feita por Nietzsche no fragmento 4[108] entre o tirano e o criminoso, destacamos que, de modo análogo ao que ocorre com o primeiro fragmento analisado, também este segundo pode ter seu sentido complementado com um texto publicado em época próxima, a saber: o aforismo 20 de *Aurora*:

Livres agentes e livres-pensadores. — Os livres agentes se acham em desvantagem frente aos livres-pensadores, porque os homens sofrem mais visivelmente com as consequências dos atos do que dos pensamentos. Levando-se em conta, porém, que tanto uns como outros buscam a satisfação, e que já o pensar e enunciar coisas proibidas dá satisfação aos livres-pensadores, todos se equivalem quanto aos motivos: e, no tocante às consequências, a balança penderá mesmo contra o livre-pensador, desde que não se julgue a partir da primeira e mais tosca evidência — ou seja: como todo o mundo julga. Há que retirar boa parte da calúnia lançada sobre os homens que romperam através de uma *ação* a autoridade de um costume — geralmente são

chamados de criminosos. Todo aquele que subverteu a lei de costume existente foi tido inicialmente como *homem mau*: mas se, como sucedeu, depois não se conseguia restabelecê-la e as pessoas acomodavam-se a isso, o predicado mudava gradualmente; — a história trata quase exclusivamente desses *homens maus*, que depois foram *abonados*, considerados *bons*! (NIETZSCHE, 2004, p. 26-27)

Além de corroborar muito do que é dito no fragmento anterior, este aforismo também esclarece que, a partir do que foi dito na anotação póstuma (que todo indivíduo que busca destruir um costume é julgado como mau), a diferença entre os grandes nomes da história e os criminosos é o fato de que os primeiros levaram sua destruição dos costumes a tal ponto que conseguiram alterar permanentemente as leis e a própria sociedade, de tal modo que as pessoas acabaram por se acostumar com isso e passaram a julgá-los como bons.

Embora não tenhamos encontrado nenhuma evidência de que Nietzsche tenha lido os textos de Píssarev sobre os niilistas russos, é possível perceber uma notável proximidade entre suas ideias, principalmente quando se volta o olhar para a história. Tomando em comparação as vidas de Tchernichévski e de Lênin, a despeito de ambos terem sido ferrenhos defensores da revolução socialista— aqui tomada como exemplo inegável de rompimento com a autoridade dos costumes — o primeiro fracassou em seus projetos, ficou preso durante a maior parte da vida e morreu sendo oficialmente considerado como um criminoso. Já Lênin, tendo sido bem-sucedido, morreu como um líder e herói, sendo que foi unicamente por intermédio de sua influência que a imagem e o papel representados por Tchernichévski na cultura russa passaram a ser oficialmente reconhecidos e valorizados.

Resta agora esclarecer como Nietzsche pôde considerar que os livres agentes estariam em “melhores condições” e seriam “mais sinceros” do que os livres-pensadores, podemos afirmar que a chave para se entender esta diferença se encontra diretamente relacionada com um dos objetivos precípuos de *Aurora*, a saber: a denúncia do caráter temporário, arbitrário, mutável, profano e de nenhuma forma racional, transcendental ou necessário da moral, a qual traz como consequência o estímulo à crítica genealógica de todos os costumes e princípios éticos.

Justamente por enxergar as tradições como instâncias domesticadoras — as quais, ao longo dos séculos, compeliram os indivíduos não apenas ao respeito e obediência aos costumes, mas também a realizarem em si uma interiorização dos princípios que estiveram na base da criação destes mesmos costumes —, Nietzsche compreende a atual condição da civilização e da cultura como resultado da prevalência de forças civilizatórias contra as forças individuais (Cf. NIETZSCHE, 2004, p. 17-19).

A partir desta chave de leitura é possível então entender que a postura adotada pelos livres-pensadores (referidos no excerto póstumo como “homens medrosos”) de submissão resignada ao *status quo*, é considerada pelo filósofo alemão como indicativo de debilidade de forças próprias, a qual impede um enfrentamento aberto das instituições e discursos que representam a força dos valores, tradições e costumes predominantes. Independentemente da possibilidade de que estes livres-pensadores tenham superado ou não a tradicional concepção dogmática em relação à moral, o fato deles não se mostrarem fortes o suficiente para se oporem de maneira declarada contra os costumes é que faz com que eles se contentem apenas com a satisfação intelectual de enunciar e pensar coisas proibidas.

Diferentemente do que ocorre com os livres-pensadores, os livres agentes não apenas externalizam de maneira aberta seu desprezo pela presente configuração da moral, da política e da sociedade da qual fazem parte, como também procuram ativamente alterar essas circunstâncias conforme suas próprias exigências e interesses particulares. Para Nietzsche, isso ocorreria por duas razões principais: em primeiro lugar porque eles compreendem que a ordem moral predominante, a tradição consolidada, nada mais seria do que a consequência de uma duradoura coação, de um deliberado exercício da força e da autoridade por parte de indivíduos ou de instituições que sejam fortes o suficiente para comandar. Além disso, os livres agentes assumem e manifestam publicamente sua vontade de destruição porque compreendem que o julgamento negativo que eles podem vir a receber por parte da opinião pública pelo fato de haverem rompido e transformado esses valores é passível de ser totalmente modificado, bastando, para isso, que eles consigam levar a destruição dos costumes a tal ponto que a maioria das pessoas passe a aceitar esta nova visão de mundo como “normal”.

Nesse sentido, o diagnóstico formulado por Nietzsche acerca da personagem Bazárov não se restringiu apenas ao desmascaramento das reais intenções que estariam por trás da opção deliberada deste niilista pela ação destruidora (como foi mostrado anteriormente), mas também contém um elemento de valorização da postura do jovem médico, pois ele, ao contrário dos intelectuais medrosos do seu tempo que só faziam tagarelar e criticar as falhas do governo, desconsiderava a opinião do povo russo enquanto obstáculo para a sua ação destruidora, porque compreenderia justamente que qualquer julgamento pode ser mudado. Para Bazárov não existem instituições imutáveis e indestrutíveis que estejam assentadas sobre fundamentos eternos e inquestionáveis. O mesmo pode ser dito acerca de Nietzsche com relação aos valores e costumes sobre os quais estas mesmas instituições encontrariam seu apoio.

Diante do que foi visto, acreditamos então ser possível concluir que, na medida em que os dois primeiros fragmentos sobre o niilismo se constituem num diálogo com os discursos

da personagem Bazárov, é inegável a afirmação de que a leitura do romance de Turguêniev tenha influenciado diretamente as primeiras reflexões do filósofo alemão acerca do niilismo.²³

Como uma última ressalva, vale destacar que, apesar da reflexão constituída por estes dois textos póstumos e pelos aforismos correspondentes de *Aurora* poder causar a impressão de que a presença do niilismo russo na obra de Nietzsche se constituiria numa ocorrência isolada, sem ligação direta com as elaborações posteriores do niilismo desenvolvidas n'*A Gaia Ciência*, é inegável que diversos temas presentes nestes textos de 1880 viriam a ser objeto de elaborações posteriores. Como exemplos, tem-se a fúria destruidora direcionada contra os valores e tradições — a qual futuramente viria a ser esboçada como uma das possíveis formas de manifestação psicológica do niilismo, referida como “niilismo ativo” — e também a satisfação mental do homem medroso que se contenta com a própria imaginação, a qual remete diretamente à ideia da vingança imaginária dos homens ressentidos.

Referências bibliográficas

- ANDLER, Charles. **Nietzsche, sa vie et sa pensée: la dernière philosophie de Nietzsche**. Paris: Gallimard, 1931.
- ARALDI, Clademir. **Nilismo, Criação, Aniquilamento**. Nietzsche e a filosofia dos extremos. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2004.
- BREMEN, Adam of. **History of the Archbishops of Hamburg-Bremen**. Tradução de Francis Joseph Tschan, Timothy Reuter. Columbia: Columbia University Press, 2002.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski**. Os Anos de Provação, 1850-1859. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Edusp, 2008.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski**. Os Anos Milagrosos, 1866-1871. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2003.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski**. Os Efeitos da Libertação, 1860-1865. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios – 1875-1914**. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- HOBBSAWM, Eric J. **A Era do Capital – 1848-1875**. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- KUHN, Elisabeth. **Nietzsches Quelle des Nihilismus-Begriffs**. In: *Nietzsche-Studien*. Berlim: Walter de Gruyter, 1984, p. 253-278 (Vol. 13).
- MONTEIRO, Fabrício P. **O Nilismo Social**. Anarquistas e terroristas no século XIX. São Paulo: Annablume, 2010.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: His Philosophy of Contradictions and the Contradictions of His Philosophy**. Trad. David J. Parent. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, 1999.

²³ Nossa afirmação de que a fonte primária de contato de Nietzsche com o niilismo foi o livro de Turguêniev não exclui a possibilidade de que este contato inicial do pensador alemão com o niilismo russo possa igualmente ter sido influenciado pela leitura de jornais e revistas da época, visto que a imagem dos niilistas russos apresentada por Nietzsche nestes primeiros escritos não se diferencia essencialmente daquela que era popularmente difundida nos meios de comunicação da época, como pôde ser visto pelo excerto do jornal *The New York Times*.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução de Paulo C. Souza. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Kritische Studienausgabe**. Org. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988. (Vol 15).
- NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe** (eKGWB). Org. Paolo D’Lorio. Versão online disponível em: <http://www.nietzschesource.org>. Acessado em 17/01/2023.
- PECORARO, Rossano. **Niilismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2007.
- RITTER, Joachin; GRÜNDER, Karlfried; GABRIEL, Gottfried. **Historisches Wörterbuch der Philosophie**. Basel, Schwabe Verlag: 1971-2007. (Vol. 6).
- THE NIHILISTS. **The New York Times**, 01 set. 1878, p. 4. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1878/09/01/archives/the-nihilists.html?searchResultPosition=1>. Acessado em 04/02/2023.
- TURGUÊNIEV, Ivan. **Pais e Filhos**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- TURGUÊNIEV, Ivan. **Pères et Enfants**. Précédé d’une lettre à l’éditeur par Prosper Mérimée. Paris: Charpentier, 1863. Disponível em: http://fr.wikisource.org/wiki/Pères_et_Enfants. Acessado em 04/02/2023.
- VOLPI, Franco. **O Niilismo**. Tradução de Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.